



ITALIA — PONTE DA ABBADIA.

Ao noroeste dos estados da Igreja, cêrca da fronteira que os separa da Toscana, e pouco mais ou menos a meio da estrada que une a pequena cidade de Canino ao porto de Orbitello, corre, de norte a sul, um rio insignificante a que chamam o Fiora; nasce no territorio de Radicofani, e vae lançar-se no Mediterraneo entre Civita-Vecchia e Porto Hercole.

Ladeado de risonhas e pittorescas margens, este rio passa por entre as ruinas de uma antiquissima cidade etrusca, e os vastos cemiterios, em que o príncipe de Canino e os srs. Candelori e outros proprietarios das circumvisinhanças effectuaram, ha vinte annos, importantes descobertas, que consistiram em vasos etruscos de todas as fórmãs e grandezas, ornados de curiosas pinturas; e depois em numerosos objectos de ouro, e outros metaes preciosos, encontrados, como aquelles vasos, nas sepulturas dos habitantes da velha cidade de Vulci.

A uma milha e um quarto das ruinas mais septentrionaes da referida cidade, ergue-se uma ponte construida sobre o Fiora, no sitio em que a estrada de Canino para Orbitello o atravessa. Esta ponte de boa fabrica, estylo arrojado e excellente conservação, é defendida da parte oriental, por uma robustissima casa ou convento acastellado da idade media, do qual lhe veiu talvez o nome por que é hoje conhecida:

*ponte dell'Abbadie* (ponte da Abbadia). Actualmente serve de posto fiscal; por cima da porta da capelinha, que se comprehende no seu recinto, vê-se um baixo-relevo, devido sem duvida a algum artista romano.

Duas especies de construcções bem distinctas constituem a ponte do Fiora. A primeira, a que serviu como de nucleo aos trabalhos posteriores, consiste em grandes pilares de tufo vermelho; o aparelho das pedras é feito em esquadria, e por conseguinte semelhante ao que usavam os etruscos, e de que se encontram, mórmente na Italia, frequentissimos exemplos. Esta obra não está ligada á que se fez posteriormente por nenhum dos meios conhecidos e empregados; tem além d'isto a circumstancia especial de ser composta de uma especie de pedra de qualidade mais branda do que a empregada no resto da ponte.

Os romanos conquistada, na epocha da republica, esta região aos etruscos, levantaram a ponte tal como a podemos admirar presentemente.

Não é possivel admittir que, a tel-a erigida de um só lanço, empregassem para sustentar pezadissimas abobadas (a do arco central tem 20 metros de abertura) materiaes menos compactos e menos resistentes que os das demais peças importantes.

Deve pois suppor-se: primeiro, que sobre o rio,

proximo de uma povoação florescente, fôra construída na primitiva uma ponte de origem tyrrhena, sobre cujos pilares, existentes ainda, corria um pavimento de madeira; segundo, que os romanos, aproveitando o primeiro trabalho, que realmente merecia ser conservado, por isso que alcançava a consideravel altura de 31 metros, reforçaram apenas os pilares etruscos, de sorte que pudessem com segurança aguentar os arcos da ponte, cuja execução está indicando a data, em que foi concluída; de sorte que o monumento dos colonos indigenas desapareceu perante o dos arrogantes conquistadores.

A ponte romana, cujo comprimento excede 79 metros, tem dous arcos sómente. Demos em outro lugar as dimensões do maior; o mais pequeno mede apenas 4<sup>m</sup> 87 em largura; no feixo da abobada tem esculpida uma figura de toga; representa talvez o personagem romano que mandára erigir o edificio.

A algumas milhas ao oriente das ribas do Fiora encontra-se uma fonte de aguas mineraes, muito nomeadas pela sua abundancia, e vantagens que se tiram da sua applicação ao tratamento de varias enfermidades. Junto d'aquella fonte deparam-se vestigios de vasto estabelecimento de banhos, de construcção romana tambem. Os vencedores dos etruscos, querendo porventura que Vulci se aproveitasse de tão preciosa visinhança, fizeram o aqueducto, de que ainda existem fragmentos; passava sobre a ponte da Abbadia, e n'este lugar acha-se perfeitamente conservado: as ruinas romanas situadas além, perto do cemiterio septentrional da cidade etrusca, talvez sejam os restos do estabelecimento para o qual eram encaçadas as aguas. A destruição dos banhos, a negligencia com que se descuidou a conservação do aqueducto, tornado assim inutil, foram causa de que, em epocha já mui remota, as aguas mineraes, privadas de direcção regular, se derramassem sobre as margens orientaes do rio, assim como sobre as muralhas exteriores do aqueducto e da ponte; ahí, endurecidas pela acção do ar e dos seculos, têm formado innumeraveis stalactites sobrepostas, que dão hoje a este formoso monumento e ao terreno adjacente, o aspecto mais pittoresco. A altura do aqueducto relativamente ao solo situado a oeste da ponte, e a sua ruptura vertical d'este lado, indicam sufficientemente, que elle se prolongava sobre a planicie até alcançar as thermas em que eram recolhidas as aguas mineraes.

Ignora-se em que tempo foi destruída esta importante parte do aqueducto, de que não resta vestigio algum. A subita interrupção do canal e das stalactites, que o obstruem, interior e exteriormente, denota claramente que tão curioso phenomeno de petrificação, talvez unico em um monumento de architectura, se observava igualmente nas partes do aqueducto que foram demolidas. Talvez mesmo que o pezo consideravel d'aquella pedra de nova formação contribuisse para a sua ruina.

## NAVEGADORES PORTUGUEZES.

### II.

#### GIL EANNES.

A fabula é a irmã mais velha da historia, diz Voltaire; e posto que esta se escreva hoje com mais seriedade e criterio do que no tempo do illustre philosopho, nem por isso taxaremos de mentiroso aquell-

le dito. Não observámos nós cada dia como se adulteram os factos passados sob a nossa vista, no mesmo lugar e poucas horas depois do successo? Como juraremos pois nas palavras de um historiador, que fêz ajuntaremos á tradição oral, sabendo com que fidelidade se transmitem os acontecimentos no proprio momento da sua passagem! Devem porém estas considerações fazer-nos abandonar a exploração da profunda mina da historia? Não, de certo. Mas é necessario saber extrahir o ouro d'aquellas ricas veias, e não o misturar depois com outros metaes, ou imital-o com falsos europeis para especular com a credulidade do vulgo.

No precedente capitulo d'estes apontamentos para a historia da marinha nacional, esboçamos o confuso quadro da navegação portugueza até ao reinado de D. Diniz, ou antes, mostramos como faltavam todos os elementos para a apreciação d'essa epocha com relação ás cousas naves: agora, de passagem para o começo das descobertas nos mares e costas d'Africa, abraçaremos em rapido bosquejo (quanto o permite a exiguidade forçada de um artigo de jornal) o tempo que medeia entre o previdente reinado d'aquelle que mandou plantar o pinhal de Leiria, e as empresas do infante sabio, que transformou os já crescidos pinheiros em caravelas e barcas, destinadas a buscar o caminho da India, rodeando o continente africano.

O filho de Affonso III creou diversos estabelecimentos maritimos nos portos do reino, fez aperfeiçoar a construcção naval, cuidou dos pinhaes, regularizou o serviço e disciplina das embarcações de guerra, em fim animou tão cuidadosamente este ramo do poderio e riqueza nacional, que logo no seguinte reinado as poucas galés portuguezas, capitaneadas por Manuel Peçanha, e por Gonçalo Camello, ora sós, ora de combinação com as esquadras castelhana, aragoneza e genoveza, se oppozeram ás invasões dos marroquinos na Hespanha, e guardaram as nossas costas e as de Andaluzia e Galliza das correrias dos piratas. Foi tambem no tempo de Affonso IV que os nossos navegadores, costeando a Africa na direcção do sul, passaram aquelle temeroso cabo de Não (como demonstra o sr. J. J. da Costa de Macedo, nas *Memorias da Academia*) que até ahí fôra o limite das navegações europeas, recuando todavia ante o aspecto do cabo *Bojador*, empresa que ficou para outro seculo, e para outros homens levarem a effeito.

O commercio maritimo, as pescarias em grande escala, floresceram pela mesma epocha, á sombra da protecção dos vazos de guerra, que adquiriram nova importancia no tempo de D. Pedro I, sob o commando do almirante Lançarote Peçanha. E do reinado de D. Fernando I, esse monarcha tão calumniado pelos historiadores superficiaes, dataria a verdadeira prosperidade da marinha portugueza, que elle abraçou em todos os seus ramos, por meio de sabios regulamentos, tendentes a animar a construcção naval, a tactica, e o commercio externo, se a desastrosa expedição de 1381 não desse um golpe terrivel na marinha de guerra, que attingia então um alto grau de esplendor, e que D. João I, mais feliz do que seu irmão, alcançou restaurar e engrandecer. O nome do conde D. Gonçalo Coutinho está ligado á memoria das primeiras batalhas navaes, sob o governo do mestre d'Aviz, e o theatro das suas façanhas foi o Tejo. Este grande monarcha, voltando todas as suas atenções para a marinha, logo que a guerra com Castella lh'o permittiu, logrou apresentar diante de Ceuta, no anno de 1415, uma frota de 33 naus, 59 galés, e 128 navios menores, todos apercebidos para

combate, e com a ajuda dos quaes se apossou d'aquella cidade.

Sabio e comprehendedor o infante D. Henrique, seu filho, não podendo proseguir por sua conta a conquista das praças d'Africa, que o rei de Portugal reservava para si e para a nação, começou de haver esclarecimentos sobre os paizes que se estendiam para o meio-dia d'aquelle continente, e dispondo dos thesouros da ordem de Christo, como grão-mestre que era d'essa cavallaria, resolveu mandar gente sua á descoberta das terras além do grande deserto, pela via marítima, unica possível. Este pensamento, que immortalisou o infante, e se tornou a fonte da nossa maior gloria, teve resultados incalculaveis para a civilisação do mundo: mudou a face do commercio, fez da geographia uma sciencia, alargou os limites do globo, e tornou os poucos filhos d'esta terra do ultimo occidente os primeiros navegadores do universo, os patenteadores das maravilhas orientaes!

Porém essa mesma gloria, hoje esteril para nós, nos tem sido invejada por estrangeiros, que ousaram pôr em duvida a prioridade dos nossos descobrimentos na costa de Guiné. Ainda recentemente mr. de Saint-Hilaire, nas suas *Noticias estatísticas das colonias francezas*, afirma que as expedições das nações modernas datam do seculo XIV, e que foram comprehendidas por francezes de Dieppe; attribuindo tambem aos seus compatriotas a fundação dos primeiros estabelecimentos commerciaes de Guiné. Não ha, todavia, um só documento que auctorisese semelhante opinião, da qual até em Inglaterra se escarneceu; porém o governo francez mandou publicar sob os seus auspicios esta serie de disparates! (1) As ilhas Canarias, conhecidas desde a mais remota antiguidade, pela sua proximidade da costa africana, foram visitadas, é verdade, por um francez, João de Betencourt, em companhia de aventureiros hespanhoes, e em navios d'esta ultima nação, já no começo do seculo XV; e posto que as embarcações que ahí mandou, mais tarde, o infante D. Henrique, não encontrassem nenhum signal de senhorio castelhano (de posse franceza não se tratava) *antremeteosse el-rey de Castella sobrello*, observa Azurara, *dizendo que eram de sua conquista, o que certamente nom he assy*; mas de facto aquellas ilhas ficaram para sempre pertencendo á corôa de Hespanha.

Antes d'essa epocha não ha noticia de outros navegadores europeus, senão dos aventureiros escandinavos, que sulcando os mares do norte, já nos fins do IX seculo, se estabeleceram na Islandia, e descobriram a Groenlandia pelo meado do X seculo. Alguns escriptores, seguindo as chronicas islandezas, suppõem que esses navegadores chegaram a reconhecer o continente americano, que denominaram *Wienland* ou *Viland*, talvez a terra de Labrador. Um historiador sueco, contemporaneo nosso, o sr. Folsom, adquiriu na Islandia, não ha muitos annos, novos manuscritos relativos a esse descobrimento, e tendo passado á America, ahí encontrou, no estado de Massachusets, inscrições traçadas em caracteres escandinavos, sem data, porém que o joven historiador affirmou deverem remontar além do nono seculo.

Verdadeiras ou falsas as noticias d'estes descobrimentos deviam ter chegado á noticia do infante D. Henrique, e foi provavelmente com o fito de encontrar essas terras que elle despachou a Gonçalo Velho para explorar os mares do Occidente. A successiva descoberta das ilhas dos Açores, no sentido de

leste para oeste, parece indicar que se buscava alguma supposta terra n'aquella direcção, e combina com o que diz Martim de Bohemia acerca da expedição de Gonçalo Velho, que ia ao *descobrimto dos paizes que se acham além do cabo de Finisterra*.

A questão de prioridade na descoberta da America tambem nós a podemos pleitear, porque do tempo d'Alfonso V fallam os chronistas em descobrimentos de terras que ficaram por explorar, e até confessam ignorar quem fossem os descobridores de outras, que ainda pertencem á corôa de Portugal, como são as ilhas de S. Thomé e Príncipe; porque não dirá pois a verdade o padre Cordeiro na sua *Historia insulana*, e não seriam os portuguezes João Vaz Corte-Real e Alvaro Martins Homem, que primeiro aportassem á Terra Nova, ou Terra dos Bacalhaus, em 1462 ou 1463?

Voltemos porém á exploração d'Africa, de que nos afastou bastante esta digressão para o Occidente.

Quanto á data das primeiras tentativas marítimas ao longo da costa d'Africa, ordenadas pelo infante D. Henrique, contradictorios são entre si os nossos historiadores; como porém Gomes Eannes d'Azurara escreveu a sua *Chronica de Guiné*, sob a direcção do duque de Vizeu, cujo contemporaneo e amigo era, preferiremos quasi sempre o seu testemunho ao de outros escriptores mais modernos, no periodo de historia marítima que elle abraçou (até 1448) em detrimento mesmo de Damião de Góes e do proprio João de Barros.

A idéa do mar *Tenebroso*, que se estendia para além das Canarias, assustava por tal fórma os marítimos europeus, influenciados pela fabulosa tradição dos geographos arabes, que a passagem do cabo *Bojador* lhes parecia empreza sobre humana, como se a mão de Deus houvesse escripto no medonho promontorio: *Além não se passa! Novas columnas de Hercules*, essas pontas de rochedos fizeram, durante seculos, voltar o rosto aos mais ousados navegantes. Porém o grão-mestre da cavallaria de Christo que, não sendo elle mesmo navegador, contribuiu mais do que ninguem para o esplendor da arte naval, com a sua escola de Sagres, e seu espirito de descoberta, e seus estados astronomicos e geographicos, o immortal infante desprezou as vozes do vulgo, que dizia: «Além d'esse cabo não ha gente nem povoação alguma: o mar é tão baixo que a uma legua de terra não ha fundo mais que uma braça: as correntes são tamanhas, que navio que lá passe não tornará mais (1)» e, como sabio que era, mandou repetidas embarcações, cada verão, por espaço de doze annos, a tentar a passagem do Bojador, não perdendo a esperanza ao ver que voltavam sem cumprir seu mandado, antes animando os homens a fazerem novas diligencias.

Já antes de começar esta perla em dobrar o cabo Bojador, dous cavalleiros da casa do infante, Tristão Vaz e João Gonçalves Zarco, acossados por uma tempestade, haviam descoberto a ilha de *Porto Santo* (2) descoberta que outros escriptores attribuem a Bartolomeu Perestrello, com o fundamento de que foi elle o primeiro capitão d'aquella ilha (3), quando aliás parece certo que o dito Perestrello só acompanhou Tristão e Zarco na segunda viagem, em que descobriram a ilha da *Madeira* 1418 ou 1419. Como esta extensa ilha foi dividida em duas capitancias por João Gonçalves e Tristão Vaz, facil é de conceber que fi-

(1) Azurara: *Chronica de Guiné*.

(2) Azurara e Barros: *Decadas*.

(3) D. Francisco de S. Luiz: *Indice chronologico*.

casasse ao seu companheiro Perestrello a capitania, muito inferior áquellas, de Porto Santo! «O silencio de Azurara ácerca de Roberto Machim e Anna d'Arfet, parece indicar, diz mui judiciosamente o sr. visconde de Santarem, que este romance se não tinha ainda inventado no tempo do auctor.» Ha todavia, ainda hoje, quem sustente que foram aquelles conjuges britannicos os primeiros visitantes da Madeira, e até derivam de Machim o nome de *Machico*, que têm a mais antiga povoação da ilha. Pelo amor que lhe consagram, parece, na verdade, haverem sido os inglezes os descobridores d'esta insula!

Seria em consequencia de tão precioso achado, que o commendador de Almourol foi mandado a descobrir novas terras para o occidente, em 1431, ou militariam as razões acima apontadas de constarem em Portugal os resultados das navegações escandinavas? Como quer que fosse, Gonçalo Velho avistava a ilha de *Santa Maria* (1432) em quanto, na costa d'Africa, proseguiam as diligencias infructiferas para dobrar o Bojador.

Gil Eannes, depois de repetidas tentativas, conseguiu finalmente vencer esse trabalho de Hercules, passou além do assustador promontorio, e nada encontrando de sinistro nas ondas do mar Tenebroso, regressou a Portugal com a gloria de haver quebrado o fatal encantamento. Novo Alexandre, Gil Eannes cortava aquelle nó gordio.

O escudeiro do infante, armado cavalleiro por seu amo á volta do Bojador, acabava de associar o seu nome ao complemento de uma façanha, que hoje nos parece insignificante, porém que aquelle seculo reputava como impossivel de levar a cabo! E com effeito, não destruíra pela sua ousadia as fabulas dos geographos arabes, despovoando de phantasmas aquella parte do Oceano? Não abríra novos e illimitados horisontes á navegação e ao espirito de descoberta? É por isso que tomamos o nome de Gil Eannes para o collocar á frente d'este capitulo, como o navegador portuguez que patenteou a estrada marítima do Oriente, plantando o primeiro marco milliario da nossa historia naval.

Grande devia ser a alegria do infante emprehendedor ao saber tão boa nova, e os animos abatidos dos seus mareantes iam erguer-se ousados, com a certeza de terem mais longo mar, do que suppunham, para campo das suas explorações. Os perigos que são patentes não os temem os homens corajosos... porém aquelles mysterios do mar Tenebroso? Eram de assustar, porque ninguem os explicava!

Lá se vae outra vez ao mar o nosso Gil Eannes, em sua barca, já seguida de um barinel ás ordens de Afonso Gonçalves Baldaya, copeiro do infante. Cincoenta leguas ávante do cabo Bojador, encontram rastro de homens e de camellos; destruindo assim mais uma apprehensão do vulgo, que cria serem deshabitados esses ardentes paizes; com estes novos desenganos voltam a Portugal.

Estava desfeito todo o castello de fabulas que a antiguidade levantára; podia-se emprehender seriamente a tentativa, agora pouco duvidosa, de achar o caminho marítimo para as terras do Preste João... Mas que trabalhos ainda a vencer para alcançar esse fim! A vida de um homem não podia ser bastante longa para ver coroados os seus esforços: o sonho de D. Henrique só foi uma realidade depois das diligencias de quatro reinados successivos!

A cidade de Lagos deve ufanar-se de ter dado o berço ao intrepido Gil Eannes, corajoso navegador que não levou mão dos trabalhos de exploração na

Africa, em quanto lhe restou um sopro de vida. Ainda dez annos depois o encontrámos associado com outros cavalleiros, e já navegando para além de Cabo Verde. Posto que n'esta expedição não fosse elle o chefe, mas sim um tal Lançarote, que foi tambem armado cavalleiro por D. Henrique, o conselho de Gil Eannes era sempre respeitado e seguido, diz Azurara, como o de navegador sabio e experimentado.

Aonde repousam as cinzas de Gil Eannes? Provavelmente confundidas com as de tantos outros generosos filhos de que a mãe patria se esquecen.

F. M. BORDALO.



O COLOSSO DE RHODES.

No anno 303 antes de Jesus Christo, pouco mais ou menos, erigiram os habitantes de Rhodes, á entrada do porto d'esta cidade, na ilha do mesmo nome, uma estatua de Apollo, que pelas suas gigantescas proporções mereceu ser qualificada de colosso.

Cincoenta e seis annos depois essa famosa estatua, que os antigos reputavam a maravilha do mundo, foi derrubada por um terramoto.

Pregoeiro da grandeza a que chegára áquelle povo o colosso destruido annunciou a sua queda.

E era um monumento realmente admiravel. De bronze todo, pezava setecentos e vinte mil libras, e media em altura trinta e quatro metros aproximadamente.

— Custa a conceber como se pudesse fabricar tão estupenda mole, sendo notorias as difficuldades que offerecem semelhantes trabalhos ainda na presente epocha, que representa sobre a da fundação do colosso um progresso immenso em todos os ramos do saber e da industria humana. Entretanto, se podemos suppor que escriptores eminentes, taes como Plinio e Strabão, exageraram um pouco a importancia e dimensões do monumento, não é licito duvidar inteiramente do seu testemunho.

Logo que pela Grecia correu a voz de que Rhodes padecera tremendo desastre, e que o colosso fôra destruido, reis e povos acudiram com valiosos subsidios, para que a cidade fosse reedificada e o simulacro do deus repostos no seu lugar.

Esses subsidios todavia parece que não bastaram á reparação das ruinas, e a estatua jazeu desprezada perto de novecentos annos, até que no de 672 da nossa era Mauviah, logar-tenente de Othman, quarto kalifa do islam, apossando-se de Rhodes, a fez desmanchar, vendendo-a n'este estado a um judeu, o qual, segundo dizem os historiadores bysanthinos, empregou no seu transporte mais de novecentos camellos!

Quem foi o auctor da estatua do Apollo de Rhodes? Seria ella obra de um unico artista. São perguntas estas a que não é facil responder com inteira certeza.

Posto que levasse uns quinze annos a fazer, segundo a opinião e os calculos de Clinton, auctor dos *Fastos hellenicos*, é de presumir, é mesmo indubitavel, que muitos artifices fossem empregados n'essa tarefa. Seja como fôr a honra de haver pelo menos, dirigido a execução de tão primoroso monumento cabe a Chares de Lindos, discipulo do esculptor Lysippo.

A nossa gravura é transumpto de uma medalha, cunhada na ilha de Rhodes no começo do imperio romano. No reverso apresenta esta curiosa medalha uma imagem de Apollo, que talvez seja cópia mais ou menos aproximada do celeberrimo colosso.

O deus está de pé, nu, e segurando na mão direita uma corôa, a qual depõe sobre o tropheu, que se observa ao lado. Em torno lê-se a indicação do valor monetario da medalha. *Didrachmon* (duas drachmas). Ao lado direito distinguem-se algumas palavras gregas que significam litteralmente: *Os rhodios para os Augustos*. Os Augustos, a que aqui se faz referencia, eram Tiberio e Livia sua mãe.

Não affiançamos que a medalha represente o monumento de Rhodes tal como elle era; o tropheu allude sem duvida a algum successo particular; entretanto, sendo esta peça cunhada em Rhodes não parece temeridade suppôr que o artista se inspirasse de uma obra, que era a gloria da sua patria, reproduzindo-a, ainda que infielmente, no seu pequeno trabalho.

#### DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ (1).

Corria o anno de 1654, em que alguns successos das nossas armas não puderam contrapezar a prematura morte do esperançado principe D. Theodosio, victima do plano, offerecido, mas não inventado, por um famoso orador, de avivar a nação por meio de um nó suffocativo da nacionalidade (2), quando el-rei D. João IV, que via claro em estando desassombrado da politica, sempre errada e sempre errante de ministros sem cor (3), e de tracistas mortos por fazer tudo da sua, querendo segurar na linha transversal do novo herdeiro presumptivo da corôa a successão d'ella; e a boa sorte do reino, ambas mal garantidas nas qualidades physicas e moraes d'este principe, instituiu, por carta de 11 de agosto do referido anno, a chamada, depois ampliada, e hoje extincta *Casa do Infantado*, que igualou, em preeminencia, direitos e privilegios, á de Bragança, incorporando consecutivamente n'ella, sob justas clausulas, por alvará de 17 do predito mez, a casa denominada *Côrte Real*, junto ao paço da Ribeira, e a quinta de Queluz, tambem adjudicadas ao fisco por sentença proferida contra o segundo marquez de Castello Rodri-

go (1). Sendo esta quinta (onde o infante, depois rei D. Pedro II, ia com frequencia desenfadar-se dos desgostos da côrte, e só n'uma grave conjunctura pousou por espaço de alguns dias) o logar da acção de alguns episodios notaveis do enredo politico que se desenredou com a vergonhosa deposição de el-rei D. Affonso VI, submetter-me-hei, malgrado meu, á obrigação e pena, em que me poz o titulo d'este artigo, de pintar aquellas scenas assás tristes, mas menos tragicas que outras representadas em maior theatro no mesmo seculo de claridades raiado de sangue.

Tinha entrado então a França na sua bella idade de ouro, e o brilhante reinado de Luiz XIV, apenas saído de uma revolta ridicula e nociua, como todas as que são feitas pelas paixões dos homens, e não pelas necessidades dos tempos, e já triumphante dos inimigos externos, resplandecia, ainda mais que pelas armas, em que tanto luziu o valor e pericia de Vauban, Turenne, e Condé; pelas torrentes de fulgor de Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, Pascal, Malebranche, Descartes, Corneille, Racine, Boileau, e tantos outros genios immortaes que, illustrando a sua patria, allumiaram e civilisaram o orbe; já, em Inglaterra, o famoso Monck, tão habil general, como profundo politico e subdito leal, tinha, apoz uma grande catastrophe, e uma sanguinosa guerra mais do que civil, franqueado com mão prudente e victoriosa as portas e os degraus do throno da Gran-Bretanha a um principe banido pelos regicidas de seu pae em nome da chimerica e por elles assoalhada *soberania do povo*, restituindo a este a doce paz creadora ou aperfeçoadora dos ingentes talentos de Butler, Milton, Dryden, Swift, e do immensuravel Newton; já, finalmente, Grotius, e Puffendorff, tinham, mesmo de dentro de suas prizões, diffundido enchentes de luzes no direito publico universal e das gentes, quando o nosso Portugal, onde ainda scintillavam algumas faíscas do grande luzeiro que d'este cantinho da Europa illuminára tantos povos no seculo antecedente, apresentava o singular espectaculo de um como diorama, no qual, em revez da grata vista de um heroismo e amor da patria d'alta prova, pugnano pela independencia nacional, e coroados de louros nas linhas d'Elvas, em Badajoz, no Ameixial, em Montes Claros, e Ciudad Rodrigo, se via outro ajuntamento, tambem em acto de guerra (que isso significa a voz latina d'onde os etymologistas com muita propriedade derivaram a palavra *Côrte*, pondo, por effeito de paixões vis e de zizánias repugnantes, em contingencia aquella mesma existencia politica sustentada nos campos de batalha com os maiores esforços. Ha quem diga que esta lueta de paizanos, em contraposição á dos soldados, e que causa tanta ruina ao paiz, é um como instrumento obrigado de

(1) Continuado de pag. 396 do volume XI d'este semanario.

(2) Alludo á negocição do casamento do principe D. Theodosio com a infanta D. Maria Thereza, então herdeira presumptiva da corôa de Hespanha, e que depois casou com Luiz XIV, negocição, tratada em vão no anno de 1648, em Roma, pelo padre Vieira, auctor d'este plano, com o padre Mendonça, assistente do geral dos jesuitas, e irmão do duque do Infantado, embaixador hespanhol n'aquella côrte, e que deu motivo á ordem, que tanto magoou aquelle nosso principe, de se retirar do exercito.

(3) De um d'estes, que respondia a todos os pretendentes: *fara-se-ha o que fôr minhor*, e que fazendo uma palayra das duas *capaz e idonio*, qualificou alguém de muito *capacidonio*, dizia um dia uma dama de muito sal á rainha D. Luiza que, «assim como na justiça havia juizes da vara, el-rei tinha ministros de covado.»

(1) Para rectificação do que disse acerca da descendencia do primeiro marquez de Castello Rodrigo, inserirei aqui os seguintes esclarecimentos que a tal respeito acaba de dar-me o sr. João Carlos Fêo Cardoso de Castello Branco e Torres. D. Manuel de Moura Côrte Real, segundo marquez de Castello Rodrigo, casou com D. Marianna de Mello, filha de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, terceiro conde de Tentugal, da qual teve D. Francisco de Moura Côrte Real, terceiro marquez de Castello Rodrigo, casado com D. Anna Maria d'Aragão Moncada, filha dos principes de Paterna. Teve este duas filhas, a primeira D. Leonor de Moura Côrte Real, que, nem das suas primeiras nupcias com Aniceto de Gusman e Caraffa, filho dos duques de Medina de las Torres, nem das segundas com D. Carlos Homodei, marquez de Almonacid, e depois de Castello Rodrigo, teve successão, e a segunda filha, D. Joanna de Moura Côrte Real, tambem casada duas vezes, a primeira com D. Gilberto Pio, principe de S. Gregorio, cuja descendencia existe em Milão, e a segunda com D. Domingos Contarrial, embaixador de Veneza em Vienna, que morreu sem successão.

todas as restaurações. Na de que se trata, dous partidos, ambos corozãos, ambos ambiciosos, e ambos cegos, com mui poucas excepções, estimulavam, um contra o outro, um rei leso do corpo e do juízo, e um infante physica e moralmente sadio que havia succeder-lhe no throno.

A pedra em que estes dous principes primeiramente toparam, e que fez as roturas que vou referir, foi a nomeação de camaristas do infante. Indo elle, na tarde de um dos primeiros dias de setembro, e em companhia de Simão de Vasconcellos, irmão do ministro universal conde de Castello Melhor, e guardamór da sua casa, da quinta de Queluz para a de Alcantara, onde el-rei então residia, e dizendo, a propósito de se fallar na demora da approvação regia da proposta que elle fizera de alguns individuos para seus camaristas, que esta e outras desattenções com que el-rei seu irmão o tratava provinham do conde de Castello Melhor; acrescentando que «seria bom que este ministro procurasse emendar tantos desacertos.» Simão de Vasconcellos, arrebatado de ira, disse que «desde logo se dava por demittido do seu emprego de chefe do serviço de sua alteza,» que com cordura lhe observou que «bom seria pensar seriamente no caso, a fim de evitar que a porta, que tantas vezes achára franca, se lhe não cerrasse para sempre.» Persistindo o criado fogoso na sua imprudente resolução, a ponto de não querer acompanhar seu amo quando este, depois de visitar el-rei, se recolhia a casa, grande foi a magaa que um tão arriscado arrojado causou ao primeiro ministro, que assim viu frustradas as esperanças que puzera na collocação de um irmão no primeiro e mais íntimo lugar da casa do futuro soberano. Nas discordias intestinas, como em muitas outras conjuncções, vêm-se os homens d'estado menos compromettidos pelos seus actos e pelas censuras dos seus contrarios, que pelos passos que dão ou que perdem, e com que ás vezes os perdem os seus amigos cegos e obstinados. Com o fim de ver se podia ainda remediar o damno que a si fizera, e lhe occasionára o despropositado procedimento de seu irmão, abalancou-se o conde de Castello Melhor, que nunca foi falta d'animo, bem que nem sempre o tivesse de acertar, a ir fallar com o infante em Queluz, e ali, depois de uma longa enumeração dos seus serviços a prol da dynastia de Bragança e da patria, procurou arteiramente descarregar-se á sombra d'elles, do mau proposito que sua alteza, menos bem informado, injustamente lhe attribuíra de o desservir na actualidade de ministro da corôa; concluindo com «pedir ao infante que, em prova de ser bem accetida a sua justificação, se dignasse restituir Simão de Vasconcellos á sua graça e ao emprego que exercia na sua casa.» Eu que, ha 34 annos, presenciei um caso analogo, em que todavia o ministro interlocutor foi, graças a magnanimidade do principe com quem se explicou, mais feliz que o escrivão da puridade d'el-rei D. Alfonso VI, muitas vezes figurei no pensamento, passeando no jardim de baixo em Queluz, onde a scena d'elle com o principe se passou, ver a ancia com que o conde, depois de interpôr o seu recurso difficil e immediato á pessoa que por instantes podia ser seu rei, aguardava entre esperança e temor a sua sentença final, que o infante deu, respondendo-lhe com ar severo «que o não havia por justificado das razões de queixa que tinha d'elle; e que se o conde queria desvanecer-as, na mão tinha o remedio, moderando as accões d'el-rei, que todos sabiam que era governado por elle; e que, logo que o visse seguir esta marcha, no mesmo ponto faria por se esquecer

do passado, e reporia Simão de Vasconcellos no seu antigo posto.» O infante tinha a varias luzes razão; enganava-se porém, suppondo que dependia inteiramente do ministro a emenda dos desacertos do monarcha, quando por detraz da cortina do poder legal existia outro poder, sem forma e sem nome, que arrastava aquella purpura aos maiores desconcertos: além de que as imaginadas omnipotencias das pessoas que figuram nos logares mais eminentes não são em tudo e por tudo tão absolutas como o vulgo pensa; e tal chefe de situação, que faz leis, e até se remonta sobre ellas, não poderá em certas occasiões compôr dous obscuros entes brigados.

Passados mezes, e crescendo n'este entremeo os desgostos que el-rei dava ao infante; resolveu este passar-se da cidade, em companhia do seu camarista e fiel amigo D. Rodrigo de Menezes, irmão de D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, e primeiro marquez de Marialva, para a sua quinta de Queluz, em ordem a evitar quanto pudesse as occasiões de se encontrar com seu irmão. Apenas se espalhou a noticia da saída do infante correram logo a visital-o na sua casa de campo todos aquelles que, sem attenção a dependencia costumavam assistir-lhe, e uma immensidade de gente que até ali o não procurára. A moda, que tem poder em tudo, em cousa alguma mostra mais o seu capricho do que relativamente ás pessoas que são bem ou mal vistas no paço; e, assim como, em certas circumstancias, fica mal ao homem mais puro cair ali em desgraça, tambem ha epochas em que ella é uma especie de fogo purificador de defeitos e allumiador de boas qualidades. Causando bem assim aquella novidade algumas perturbacões no reino, e constando similhantemente ao infante que o gabinete de Madrid punha toda a sua politica em jogo para atear a discordia, que ardia no seio da familia real e da nação portugueza, afim de tirar partido d'esta calamidade, tanto bastou para que sua alteza, sem mais insinuação, se decidisse a regressar a Lisboa, mandando ao mesmo passo suspender os preparos que mandára fazer para passar o futuro inverno em Almada.

Todos sabem o desfecho que apesar de uma decisão tão cordata, e da não menos nobre resolução que tomou o conde de Castello Melhor de sair do governo e do reino, teve este triste drama, provando a verdade com que Cicero disse que «nas guerras civis, onde tudo são miserias, nada é tão miseravel como a victoria;» (1) mas o que não é tão conhecido, e por isso, bem que fóra do meu quadro, inserirei n'este logar, é a viva e eloquente pintura que um orador, que muito concorreu para a queda d'el-rei D. Alfonso VI, fez do reinado d'aquelle soberano. «Raro principe (diz o padre Antonio Vieira) se achará nos annaes da fortuna que em toda a sua vida a experimentasse tão varia; mas tambem se não achará outro que mais a sujeitasse em seu reinado, e a lograsse mais prospera e mais constante. Em seu tempo se armaram com todo o poder as maiores forças dos seus e nossos contrarios: em seu tempo se guerrearam em nossas campinas as mais decisivas batalhas, e em seu tempo, sem excepção, triumphou sempre Portugal com as maiores victorias. Era manco de um pé, era aleijado de um braço, e do mesmo lado padecia na cabeça uma grande lesão, porque a força do ataque de paralytia que soffrera ainda menino o partiu pelo meio: mas, assim mesmo cortado em duas ametades,

(1) Omnia sunt misera in bellis civilibus, sed miseria nihil quam ipsa victoria. — C. MARCELLO, FAM. LIB. 4.

foi sempre vencedor, parecendo que quiz mostrar Deus a todas as nações, que bastava a fúria de um rei de Portugal para debellar e vencer uma das maiores monarchias do mundo... Morreu enfim o felicíssimo Affonso, acompanhando no mesmo dia e á mesma hora o enterro e a fortuna d'aquelle príncipe, por terra, o seu povo com lagrimas, por mar, as suas frotas sem bandeiras.»

Nenhuma eloquencia sobe tanto de vóo, e ha ao mesmo tempo tão finamente engraçada como a dos grandes engenhos, que por fazer um acinte a si mesmos e á parte prospera a que tinham bandeado e de quem estão descontentes, põem sobre as nuvens os contrarios de que tinham feito grão menoscabo.

Continuando o sr. D. Pedro, depois de rei, a administrar a Casa do Infantado, passou ella, apoz seu pacífico reinado, ao infante D. Francisco, seu filho segundo, que no verão habitava Queluz, onde apenas deixou para memoria um pequeno mirante, que existe no por isso chamado *Alto do miradouro*, uma pequena ermida edificada no vão que hoje occupa a *Sala das talhas*, e que foi demolida quando se deu principio ao novo palacio, e a má reputação de homem de coração duro, que deu occasião a que gente rustica e ignorante d'aquelle sitio cre-se que elle cem annos depois da sua morte, occorrida em 1742, andava vagando de noute pela quinta, carregado de ferros, em castigo das suas cruéldades.

Por morte d'este príncipe, que não deixou successão legitima, pleitearam em tempo d'el-rei D. José, o infante D. Pedro, seu irmão, que depois esposou a rainha D. Maria I, com seu tio o infante D. Antonio, a Casa do Infantado que por sentença foi julgada ao primeiro d'estes dous contendores. Ha quem diga, firmado na lei da instituição d'aquelle vinculo, e nas disposições testamentarias d'el-rei D. Pedro II, que esta casa, como muitas cousas que andam desencaminhadas n'este mundo, quasi nunca esteve em poder do seu dono.

MARQUEZ DE REZENDE.

Escolhe para esposa mulher, que seja docil, prudente, activa e honesta; embora não seja nobre, nem rica, nem-bella.

#### AMOR — GLORIA.

Ame, ne flechis point, roidis ce grand courage.

M. J. Chenier

Uma que presta, sem que a outra exista?  
Da mesma lyra duas cordas são;  
Ambas nos cegam; d'uma á outra dista  
O breve espaço d'uma só canção.  
Irmãs e amigas o poder divino  
A gloria nunca separou do amor;  
Juntas ainda n'este fragil hymno  
Não tem as duas mais que um só cantor!

À voz da gloria se rebeata a guerra  
Que de prodigios o soldado faz!  
N'um só affecto todos os mais encerra  
Desvaira e teme que se chegue a paz!  
Crente n'uns olhos que a paixão accende  
Outros se inspiram só á voz do amor.  
Culto igual a minha lyra rende;  
Não tem as duas mais que um só cantor!

À gloria altiva que no sangue exulta  
Marengo falla, e Waterloo bem liz.  
O heroe do se'lo, que a si mesmo avulta.  
Oppõe taes cantos ás flores de liz.  
Menos ardente, por um só sorriso  
A gloria nasce quanta vez do amor!  
Ambas unidas no futuro diviso,  
Não tem as duas mais que um só cantor!

L. A. PALMEIRIM.

#### A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM PARIS.

No dia primeiro de maio do anno corrente deve ter lugar em Paris uma exposição dos productos do solo e do trabalho de todas as nações do mundo.

Como a exposição universal de Londres o pacífico concurso industrial que ha de pleitear-se na famosa capital da França tem de marcar necessariamente um passo gigantesco na escala do progresso scientifico e artistico.

Todos os povos sepreparam com afan para ahi comparecer com honra e proveito.

Portugal, que soube, pelo genio e industria de seus filhos, ganhar invejados louros na exposição universal de Londres, tem segura na de Paris uma posição distincta, senão brilhante.

A commissão portugueza, creada por decreto de 23 de janeiro de 1853, para o fim de organizar a exposição dos productos da agricultura e da industria fabril de Portugal, que têm de serem remettidos para Paris, ha empregado todos os meios para bem desempenhar a laboriosa tarefa de que foi incumbida. Applanadas as maiores difficuldades, e obtida a cooperação efficaz e patriótica dos industriaes é de esperar que o paiz ainda d'esta vez alcance um assignalado triumpho.

Discutir a utilidade da comparencia dos productos da industria agricola e fabril de Portugal na exposição de Paris seria uma superfluidade, porque todos estão nas circumstancias de a avaliar.

São dignas porém de meditar-se as considerações que a commissão portugueza offerece na collecção dos seus *Documentos officiaes*, que nos foi enviada, e temos presente.

Depois de mostrar em que differem as exposições de Paris e Londres, das que podem chamar-se nacionaes ou locaes; depois de declarar que entende ser possivel que Portugal figure honrosamente, pelo menos, n'esta grande festa da industria, a commissão portugueza accrescenta no seu relatorio:

«A commissão entende que, firmes na força da nossa vontade, devemos ser modestos nos nossos desejos não querendo cada expositor julgar-se desde logo com direito a um premio. Figurar n'aquella exposição, estar habilitado para ter um lugar em que o seu nome se inscreva ao lado de um producto, em tão magestosa reunião dos tropeus memoraveis das victorias do talento e da vontade, é um titulo que enobrece, porque significa que o expositor é util á humanidade, e que sabe honrar o nome da nação a que pertence. E bastam poucos exemplos para esclarecimento da idéa fundamental de todos os trabalhos da commissão. Uma medida de trigo portuguez sobre um aparador marchetado de composições, que se confundam com o metal, com a tartaruga, e com o esmalte, ao pé das sedas maravilhosas de Lyão, cercada dos bronzes, em que o gosto do desenho se manifes-

ta em caprichos phantasticos, significa para o economista um ponto serio de estudo, dizendo-lhe que Portugal produz cereaes para o seu consumo, e que já tem ido por vezes alimentar os mercados famintos da Europa, elle que ahí levou o ouro das minas de um imperio, porque não tinha trabalho para dar em troca do pão de que se alimentava, e porque havia julgado que esse ouro, capital que se consome e acaba, podia substituir o capital do trabalho, que é indistinctivel, sobrevivendo a uma geração para enriquecer a que se lhe segue. Essa mesma medida e a sua significação economica explicaria como existindo em Portugal, no anno de 1835, uma só machina de vapor da força de dezeseis cavallos, já ao presente existem setenta com a força de novecentos outenta e nove cavallos. Isto é, a agricultura, augmentando o alimento da vida, achou consumos no trabalho fabril, que ao lado do seu incremento se foi desenvolvendo, e a povoação industrial crescendo, apresentou o incentivo efficaz á producção agricola, o qual foi dando valores a terras que o não tinham. E assim, perdido o Brazil pela politica, acabado o monopolio dos generos coloniaes pelas revoluções do commercio, as minas de ouro, que haviamos perdido, foram novamente achadas, pelo arado na terra que a inercia tinha deixado inculta, pelo braço no thear que se deixava apodrecer no ocio, e finalmente pela geração em que estamos, n'essas columnas de vapor que parecem destinadas a guiar o homem a uma era, em que a intelligencia quebre na terra o ultimo anel da cadeia que a prende á servidão.

«**Similhanamente um frasco de vinho do Douro significará, ao lado dos primores da arte de Sevres, uma preeminencia commercial de tal ordem, um privilegio natural tão importante, que não pode ser disputavel, nem disputado. E sendo a sua apparencia bem modesta no lado d'esses gigantes de ferro que, depois de aquecidos pelo vapor vão, com a força de quinhentos ou setecentos cavallos, põr em movimento uma das tantas povoações industriaes, que se admiram em Inglaterra; os valores produzidos por essas machinas colossaes não excede os que tem produzido em Portugal o liquido d'esse frasco. Uma das laranjas que se produzem nas povoações que ficam nas abas de Lisboa, ou das que enriquecem a nossa ilha de S. Miguel, dará idéa de avultados capitaes, ainda que fique mal escondida entre os variados e lindos artefactos da bijuteria franceza. Um frasco do nosso azeite será considerado pelo negociante intelligente como veio de uma nova mina aberta á exploração do seu capital, e preferirá o seu exame ao de muitos outros productos que, á primeira vista, possam parecer mais dignos de figurar na exposição...**

«**A commissão observará que, além dos productos que são apreciaveis pelo capital que representam, é mister considerar os que caracterizam o paiz, e tem a seu favor o passarem por um exame sem comparação, o que lhe dá um valor muito superior ao que habitualmente lhe arbitrâmos. E este valor de novidade, por um capricho da moda, pode-se tornar em um importante valor commercial. Descendo a exemplos bastará notar que as nossas esteiras, que, á similhança de tapete, em Inglaterra, são em Portugal usadas na casa do rico e na do pouco abastado; começam a ter grande voga no imperio britannico, ao lado das esteiras de Italia, que ahí tanto se apreciavam. Ao pé dos linhos inglezes assetinados, a que as machinas dão uma largura extraordinaria, a nossa estreita teia de linho tem valor e é admirada, quando se sabe que ella representa o trabalho moralizador da**

familia. Aquelles tecidos grosseiros, que vestem os povos que se estendem em volta da serra da Estrella, serão vistos com prazer junto ao mais primoroso artefacto em que o thear mechanico transforma a lã de Saxonia; porque a lã d'esses boreis proveiu de gados, que são o patrimonio do pobre, porque foi tecido pela familia; podendo só assim dar conforto e vida a povoações que por outra forma não teriam que dar em troca do vestuario, que as livra do desagasalho e da miseria.»

Os limites d'esta publicação não nos permitem proseguir no extracto que fizemos.

A commissão appella para o patriotismo do povo portuguez em geral, e dos industriaes em particular, e julgâmos que o não fará em vão, e que ella poderá apresentar em Paris uma collecção de productos, que ha de acreditar-nos na opinião da Europa culta.

A commissão reúne-se no ministerio das obras publicas, commercio e industria, aonde devem ser dirigidas todas as communicações concernentes a este objecto até o dia 15 do proximo fevereiro.

#### POPULAÇÃO DO IMPERIO OTTOMANO EM 1844.

RAÇAS.	
NA EUROPA.	Ottomanos . . . . . 1.100:000
	Esclavões (slavos) . . . . . 7.000:000
	Romanos . . . . . 4.000:000
	Arnautas . . . . . 1.500:000
	Gregos . . . . . 1.000:000
	Armenios . . . . . 400:000
	Judeus . . . . . 70:000
	Tartaros . . . . . 230:000
NA ASIA.	Ottomanos . . . . . 10.700:000
	Gregos . . . . . 1.000:000
	Armenios . . . . . 2.000:000
	Judeus . . . . . 100:000
	Arabes . . . . . 300:000
	Syrios e chaldeus . . . . . 225:000
	Drusos . . . . . 25:000
	Kurdos . . . . . 1.000:000
	Turcomanos . . . . . 900:000
NA AFRICA.	Arabes . . . . . 3.800:000
	<b>Total . . . . . 35.350:000</b>

RELIGIÕES.	
NA EUROPA.	Musulmanos . . . . . 3.800:000
	Gregos . . . . . 11.370:000
	Catholicos . . . . . 260:000
	Judeus . . . . . 70:000
NA ASIA.	Musulmanos . . . . . 12.950:000
	Gregos . . . . . 2.360:000
	Catholicos . . . . . 640:000
	Judeus . . . . . 100:000
NA AFRICA.	Musulmanos . . . . . 3.800:000
	<b>Total . . . . . 35.350:000</b>

#### CIMENTO HYDRAULICO.

Juntem-se partes iguaes de pez liquido e cebo. Façam-se ferver estas duas substancias em um caldeirão de ferro ou cobre, o qual se tirará do lume logo que o mixto levantar espuma. Depois de haver esfriado completamente deitam-se-lhe algumas mãos cheias de cal em pó. Feito isto pode considerar-se prompto este cimento, que é excellente para guarnecer tanques ou quaesquer depositos de agua, evitando toda a especie de infiltração.